

IDEOLOGIA E ALIENAÇÃO NAS OBRAS “1984”, DE GEORGE ORWELL, E “JOGOS VORAZES”, DE SUZANNE COLLINS: A FALTA DE EDUCAÇÃO LEVA O INDIVÍDUO AO APRISIONAMENTO?

Marina de Farias Anacleto¹
Rodrigo Alves Mariano²
Emmanoel de Almeida Rufino³

RESUMO

Delineamos este estudo através da seguinte problemática: a ideologia e a alienação nas obras ‘1984’, de George Orwell, e ‘Jogos vorazes’, de Suzanne Collins: A falta de educação pode levar o indivíduo ao aprisionamento? Sendo assim, nosso objetivo geral será compreender como se revela a ideologia e a alienação nas obras “1984”, de George Orwell, e “Jogos Vorazes”, de Suzanne Collins, de modo a construir uma ponte de diálogo entre elas e trazer a sua advertência teórica. Para tal, organizamos a nossa pesquisa da seguinte forma: primeiramente, buscamos desvelar o significado das concepções de ideologia e alienação a serem adotadas como fundamentos teóricos de análise das obras literárias; feito isto, apresentaremos sinteticamente a narrativa das obras em questão, a fim de viabilizar a análise subsequente de seu conteúdo e, por fim, promoveremos uma investigação crítico-analítica do modo como as obras em questão tocam nas temáticas da ideologia e da alienação.

Palavras-chave: Alienação, Educação, Ideologia, Jogos Vorazes.

INTRODUÇÃO

Desde o início da primeira revolução industrial (1760-1860), a humanidade tem sofrido com um grande processo de alienação. Tal ação tem moldado as opiniões e também os feitos dos indivíduos, de modo que é (quase) impossível expressar-se sem ser devorado por ofensas, ou castigado com a própria morte. George Orwell (1903-1950) nos mostrou isso em sua obra “1984” que, mesmo tendo sido escrita no ano de 1949, conseguiu retratar, em certo aspecto, o que aconteceria nas décadas posteriores. A sociedade que é apresentada em seu livro, demonstra a repressão que é infligida sobre as pessoas que vivem sob a tutela de um governo totalitário e alienante. Quem conseguiria viver em um lugar onde até mesmo o menor dos pensamentos é considerado um crime grave? Podemos pensar. Entretanto, os cidadãos da Oceânia, tomados de um excesso de trabalho técnico e repetitivo, conseguiam, pois não há o perigo de se pensar quando não se tem tempo para isso. Ademais, eram constantemente vigiados pelas “teletelas”, que nunca eram desligadas. Contavam também com a ajuda da

¹ Estudante do Curso Técnico em Contabilidade Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, marinaanacleto02@gmail.com;

² Estudante do Curso Técnico em Contabilidade Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, rodrigomariano1967@gmail.com;

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UF, emmanoel.rufino@ifpb.edu.br.

“novafala”, que basicamente limitava o vocabulário da população, fazendo com que as palavras pudessem ser associadas a algum efeito prático e tangível e não a algo abstrato, coisa essa que se desdobrava em uma forma do governo manter o poder em suas mãos, pois ninguém conseguiria ter uma ideia contrária a ideologia implantada pelo partido dominante, tendo a opção de oposição inibida pela falta de palavras. Contudo, diante de todo esse contexto totalitário em que a obra se desenvolve, Smith, - personagem principal e uma das poucas que ainda possuía a faculdade de pensar - motivado pela sua revolta com toda a situação pessoal sua e com a situação política do seu país, acaba se interpondo entre “a cruz e a espada”, sendo forçado, por meio de tortura, a pensar de acordo com os ideais do Partido IngSoc, o qual governava a Oceânia. É então, confinado em uma câmara de tortura, que Smith se vê forçado a aceitar o lema do partido: “Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado.” (ORWELL, 2009, p. 47). E foi isso que nos levou a pensar o nosso problema, pois, não somente inspirando-se em 1984, mas também na obra “Jogos Vorazes”, que encontramos o contexto adequado para tal problemática: a ideologia e a alienação nas obras ‘1984’, de George Orwell, e ‘Jogos vorazes’, de Suzanne Collins: a falta de educação leva o indivíduo ao aprisionamento?

A importância que possui o presente estudo diante da sociedade é que, assim como nas obras que serão estudadas, nosso mundo não está isento desse tipo de coisa, digo, de sofrer com a alienação, com a ideologia e, principalmente, com a falta de educação, pois estes mesmos conceitos e ideias foram tirados do nosso mundo e desenvolvidos nas obras literárias que vamos estudar. Portanto, é mister que se faça uma reflexão acerca do tema e tomemos o exemplo nos dado em ambos os livros como uma advertência para as sociedades modernas

Sendo assim, nosso objetivo geral será compreender como se revela a ideologia e a alienação nas obras “1984”, de George Orwell, e “Jogos Vorazes”, de Suzanne Collins, de modo a construir uma ponte de diálogo entre elas, trazendo a sua advertência teórica e qual a relação da falta de educação com tudo isso. Para tal, organizamos a nossa pesquisa da seguinte forma: primeiramente, buscamos desvelar o significado das concepções de ideologia e alienação a serem adotadas como fundamentos teóricos de análise das obras literárias; feito isto, apresentaremos sinteticamente a narrativa das obras em questão, a fim de viabilizar a análise subsequente de seu conteúdo; depois, promoveremos uma investigação crítico-analítica do modo como as obras em questão tocam nas temáticas da ideologia e da alienação e, por fim, dissertaremos sobre como a educação pode libertar as vítimas deste problema.

METODOLOGIA

A realização da nossa pesquisa assume uma tipologia teórica em sua base investigativa, justificando o uso dos materiais bibliográficos que teremos de fazer. Tendo em vista os objetivos específicos que delimitamos, organizaremos as estratégias metodológicas de nosso estudo bibliográfico da seguinte maneira: Na primeira etapa de nossa pesquisa, diante do desafio de desvelar o conceito de alienação e ideologia, no intuito de compor uma bagagem para o leitor que não está familiarizado com estes termos, optamos por fazer o uso das obras *O que é ideologia* (1982) e *O que é educação* (1981) considerando que elas dariam o suporte necessário para as definições dos termos supracitados. Em um segundo momento, buscamos apresentar ao leitor uma breve narrativa das obras *Jogos vorazes* (2012) e *Em chamas* (2012), para que este não ficasse alheio ao contexto da nossa problematização. Na terceira etapa, fizemos uma análise crítica, no intuito de levar a um diálogo entre as obras e a temática da ideologia e da alienação. Já na quarta, dissertamos sobre como a educação pode levar à libertação do indivíduo.

DESENVOLVIMENTO

1. Desvelando o significado das concepções de ideologia e alienação

De acordo com a obra "O que é Ideologia?" de Marilena Chaui, o termo "Ideologia" — em francês: *idéologie* — é formado por duas palavras do grego antigo: *idea*, que tem o significado literal de "aparência" ou "padrão", e *logos*, que significa "razão", "pensamento" ou "palavra". Este termo significa: gênese, ou origem de ideias e teve sua primeira aparição em 1801, no livro "*Eléments d'Ideologie*" (Elementos de Ideologia), escrito por Destutt de Tracy.

Juntamente com Cabanis, De Gérando e Volney, Destutt pretendia elaborar a ciência da gênese das ideias, tratando-a como um fenômeno natural que representaria a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente. E foi buscando essa elaboração que ele conseguiu formar uma teoria sobre as faculdades sensíveis, as quais eram responsáveis pela formação de todas as nossas ideias. Tais faculdades seriam, a saber, o querer, o julgar, o sentir e o recordar, como podemos verificar a seguir: "Nos Elementos de Ideologia, na parte dedicada ao estudo da vontade, De Tracy procura analisar os efeitos de nossas ações voluntárias concernem à nossa aptidão para prover nossas necessidades

materiais. Procura saber como atuam, sobre o indivíduo e sobre a massa, o trabalho e as diferentes formas da sociedade, isto é, a família, a corporação, etc.” (CHAUI, 1982, p. 23).

O uso pejorativo do termo “ideologia”, começou com uma declaração feita por Napoleão Bonaparte (1769-1821), em 1812, que o utilizou com o fim de se referir às desgraças que haviam acontecido na França, invertendo também, a imagem que os ideólogos tinham de si mesmos, a saber, a de materialistas, realistas e antimetafísicos. Podendo ser igualmente chamados de “tenebrosos metafísicos”.

O termo só voltou a ter um sentido semelhante ao original empregado, quando foi utilizado pelo positivista Augusto Comte, em sua obra “Cours de Philosophie Positive”(Curso de filosofia positiva), agora possuindo dois significados: o primeiro se referia a um tipo de atividade filosófico-científica que estuda a formação das ideias, observando as relações entre o corpo humano e o meio ambiente, tendo as sensações como seu ponto de partida. Já o segundo, dizia respeito a um conjunto de ideias de uma época, que passavam a ser consideradas uma “opinião geral”.

Algum tempo depois, o termo “ideológico” é encontrado na obra “Regras para o Método Sociológico”, do filósofo Durkheim. Esse termo deriva de um outro, que era a “ideologia”, a qual será utilizada para catalogar todo e qualquer conhecimento da sociedade que não esteja de acordo com os critérios descritos em seu livro.

A última definição que foi feita acerca do termo “ideologia” foi a concepção marxista que, mesmo se tratando de uma “Ideologia em geral”, é intitulada como “A ideologia Alemã”, de modo a privilegiar o pensamento dos pensadores alemães que foram posteriores a Hegel. “Marx não separa a produção das ideias e as condições sociais e históricas nas quais são produzidas (tal separação, aliás, é o que caracteriza a ideologia.)” (CHAUI, 1982, p.32). Ele também procura distinguir os tipos de ideologia que os franceses e ingleses produzem(iram), as quais seriam, respectivamente, a política, a jurídica, e a econômica. Agora que já temos definido o significado de ideologia que utilizaremos para este estudo, passemos para a busca do significado de “alienação”.

Com base na obra hegeliana, sabemos que “Hegel mostra que o exterior e o interior são as duas faces do Espírito, são dois momentos da vida e do trabalho do Espírito. Essas duas faces aparecem como separadas, mas essa separação foi produzida pelo próprio Espírito, ao se exteriorizar nas obras e ao se interiorizar compreendendo sua produção. Ora, quando a interiorização não ocorre, isto é, quando o sujeito não se reconhece como produtor das obras e como sujeito da história, mas toma as obras e a história como forças estranhas, exteriores, alheias a ele e que o dominam e perseguem, temos o que Hegel designa como alienação. Esta

é a impossibilidade do sujeito histórico identificar-se com sua obra, tomando-a como um poder separado dele, ameaçador e estranho.” (CHAUI, 1982, p. 40-41). Entretanto, foi somente com Karl Marx que o termo “alienação” entrou no vocabulário contemporâneo.

Marx, porém, retirou a ideia de alienação das obras de Hegel, revestindo-as de um caráter inovador, pois, para Hegel, a alienação é algo positivo, ao contrário do que pensa Marx. Todavia, tanto em um quanto em outro, a alienação está diretamente ligada ao trabalho. Para Hegel, o trabalho é o meio em que homem pode realizar plenamente suas habilidades, ou melhor, a essência do homem, enquanto para Karl Marx, isto seria uma escravização, ou seja, uma desumanização do ser humano. O filósofo alemão (Hegel), afirma que, quando visamos apenas a realização material no trabalho, nos alienamos, e passamos do pensamento puro para o pensamento sensível. Marx argumenta que isto é muito abstrato, mas para ele, é um modo de desvendar o capitalismo e suas relações sociais.

Em suma, ambos os termos (ideologia e alienação), possuem a capacidade de deixar o homem alheio às suas próprias ideias, perdendo a si mesmo e, conseqüentemente, à sua essência, como no final do livro “1984”, onde Smith desiste de seus pensamentos e “ama” o Grande irmão, tornando-se, assim, um alienado que perdeu os seus ideais, os seus pensamentos, e a si próprio, pois nossas experiências e vivências acabam constituindo o real, já que geralmente acreditamos naquilo que vemos e ouvimos, o que acaba causando um sério problema de repressão, como pode ser visto em ditaduras e revoluções e gerando uma série de problemas psicológicos e inquietações naquele que é oprimido.

Por conseguinte, os habitantes de Oceânia e dos Distritos, são inibidos, pois não conseguem enxergar além daquilo que seus respectivos governos transparecem. Ao questionar isso, poderiam ser presos, torturados ou mortos, de modo que, mesmo com a manipulação das informações, deveriam manter-se calados, pelo seu próprio bem e de seus entes queridos.

2. Apresentação sintética das narrativas de “1984” e “Jogos Vorazes”.

Em “1984”, obra de George Orwell, podemos observar uma sociedade distópica, isto é, um país, cujo o nome é Oceânia, governado pelo regime político totalitário do partido IngSoc (Socialismo inglês) e o slogan: “O Grande Irmão está de olho em você”, sendo o Grande Irmão, o líder opressor do partido. Para o descontentamento dos habitantes, ele estava mesmo “de olho”, por meio das “teletelas” que, monitorava, espionava e gravava constantemente a população, tanto nos lugares públicos, quanto nos lugares mais íntimos dos

lares, ou seja, um meio de controle, tendo como real exemplo o programa “Big Brother”, que possui diversas câmeras que vigiam os participantes, de modo que os telespectadores possam conhecer os participantes (que se chamariam “tributos” na obra). No “Jogos Vorazes”, perder resultaria na sua morte, e ganhar significaria voltar para casa, ter riquezas e outras coisas que, não compensariam pelo fato de ser monitorado pelo resto de sua vida, ter o “dever” de estar sempre “bem e feliz” para as câmeras e capas de revistas, e ter matado vários jovens, que possuíam entre 12 e 18 anos de idade. Assim, o público acabava torcendo para o seu favorito, e o mesmo também ocorria no programa de TV (com uma votação eliminatória online). Os tributos tinham que impressionar os patrocinadores, fazendo-os gostar da sua personalidade.

A participação no “Jogos Vorazes” era feita através de uma seleção chamada “colheita”, no qual um menino e uma menina de cada distrito, do 1 ao 12, deveriam lutar até a morte contra seus oponentes, apenas um sairia vivo. Mas o enredo da história se desenvolve no "Distrito 12", com a protagonista Katniss Everdeen. Este Distrito é uma região de um país nomeado de "Panem", derivado do Latim "Panem et circenses", ou seja, "pão e circo", que nos remete aos combates de soldados do antigo Império Romano, com o interesse em entorpecer e alienar a população com entretenimento farto. Os cidadãos de Panem, com exceção dos da Capital, onde vive o presidente Snow, sofrem há 74 anos com a permanência dos chamados “Jogos Vorazes”, uma verdadeira batalha televisionada, que começou após uma rebelião feita pelos distritos e lembrada como os “Dias Escuros”. Com isto, as regiões acabaram se opondo contra a Capital, então o décimo terceiro distrito é "exterminado" e os jogos são instituídos. Uma das únicas chances de não morrer na arena dos jogos, é conseguindo patrocinadores, que poderiam lhe oferecer ajuda no momento propício, essa "ajuda" poderia ser até mesmo um pouco de água, um remédio, ou qualquer outra coisa necessitada no momento, podendo ocasionar a grande diferença entre sua vida e morte nos jogos, como dito por Haymitch (mentor de Katniss e Peeta).

Desse modo, percebemos que "1984" inspirou grandes obras como "Jogos Vorazes" (e até mesmo um programa de TV). É uma obra protagonizada por Winston Smith, funcionário do "Ministério da Verdade" (um dos quatro ministérios que governam Oceânia), tendo como função falsificar registros históricos, a fim de moldar o passado à luz dos interesses do governo, comandado pelo Grande Irmão (nunca visto em pessoa, ou seja, o maior medo da população nunca foi visto!). Contudo, Winston detesta o sistema, mas evita desafiá-lo além das páginas de seu diário. E cada vez mais oprimido pela Polícia das ideias, que tinha controle sobre os pensamentos. Quando na obra ele viera se apaixonar por Júlia, se verá colocado em uma tremenda enrascada, pois relações amorosas estava entre as proibições políticas.

Fazendo-o querer combater o regime, nada fácil, e pensar sobre uma possível rebelião para combater tais proibições políticas e a repressão. Mas mesmo querendo expressar-se por meio de rebelião, os habitantes de Oceânia possuíam dificuldade, já que o vocabulário era restringido pela "Novafala", "Guerra é paz. Liberdade é escravidão. Ignorância é força" (ORWELL, 2009, p.7), este é o lema do Partido.

3. Investigação crítico-analítica do modo como as obras em questão tocam nas temáticas da ideologia e da alienação.

"Que a sorte esteja sempre a seu favor" (frase dita por Effie Trinket no filme) lema do "Jogos Vorazes". Eis que a sorte não esteve a favor de Prim, pois em seu primeiro ano de colheita, é sorteada, e Katniss se voluntaria para ficar no lugar da irmã. Assim se revela o norte para o desenrolar da história, desde o romance entre Katniss e Peeta até o confronto contra a capital. Rodeados pela mídia e a caracterização exorbitante dos habitantes da capital e dos tributos, capaz de mascarar até mesmo, a realidade que os cerca. Porém, as obras de Orwell, e Collins não possuem o objetivo de focar no romance de ambas narrativas, e sim, trazer luz a aquilo que está no escuro, como no mito da caverna de Platão. Ou seja, o intuito é de fazer abrir os olhos de seus leitores e telespectadores, para tudo o que os cerca, para a veracidade das informações, à diversidade de opiniões e a necessidade de se opor, pois "Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado" (ORWELL, 2009, p.236). O passado é nossa identidade, de modo que distorcê-lo é mudar-nos e transformar o presente, alterando conseqüentemente o futuro.

"A realidade só existe no espírito, e em nenhuma outra parte. Não na mente do indivíduo, que pode se enganar, e que logo perece. Só na mente do Partido, que é coletivo e imortal. O que quer que o Partido afirme que é verdade, é verdade. É impossível ver a realidade exceto pelos olhos do Partido." (ORWELL, 2009, p.237). Nesta citação, é perceptível a alienação implantada pelo governo do grande irmão, afetando diretamente os habitantes, com problemas físicos e psicológicos. Desse modo, o indivíduo encontra-se submerso em um mar que o afoga constantemente, tentando o reprimir.

Na cena apresentada no filme, onde Winston e seus colegas de trabalho estão no refeitório, é observável a influência da "Novafala", que causa a limitação de palavras. Com ela, ninguém conseguiria ter vocabulário suficiente para causar uma rebelião, ou algo do tipo. Um exemplo disso ocorre quando um dos funcionários argumenta sobre a carne, sua

aparência, cheiro, mas de fato, não é carne. E claramente é difícil de se dizer isso, principalmente por serem constantemente observados pelas "teletelas", e também pela restrição do vocabulário. Na frase "Guerra é paz. Liberdade é escravidão. Ignorância é força". (ORWELL, 2009, p.7), repetida várias vezes ao longo do livro, é uma alusão ao que a falta de vocabulário ocasiona, gerando a falta de liberdade de expressão.

A repressão em "1984", também é realizada por meio de tortura, como em uma das cenas na sala 101, onde O'brien insinua que os roedores saltarão sobre o rosto de Winston e começarão a devorá-lo, para anteceder o medo, antes mesmo do ato ser propagado. Como forma de o alienar, e também utilizando métodos que o machucavam não "apenas" mentalmente mas também fisicamente, usando máquinas que esticavam seu corpo, e outras que apertavam sua cabeça.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A mesma educação que ensina pode deseducar" (BRANDÃO, 1981, p. 12). Ao analisarmos essa frase de Carlos Rodrigues Brandão, podemos chegar à simples conclusão que já é conhecida e defendida por alguns(usando a metáfora de um jardineiro e de uma árvore para falar de quem educa e de quem é educado): uma árvore pode dar bons ou maus frutos, a depender do modo com que o jardineiro cuida dela, pois "não há uma forma única nem um único modelo de educação." (BRANDÃO, 1981, p.9), de modo que ao mesmo tempo que a educação pode nos cegar, ela pode nos ilustrar, esclarecer. Ora, como a educação tem um potencial de iluminar as mentes humanas ele pode – tal como disse Platão – libertar o indivíduo de suas inquietações, dúvidas e alienações, tornando-o civilizado.

Desse modo, nosso presente estudo nos leva à conclusão de que a educação pode ser utilizada para a submissão de alguém, para além de sua clássica função de emancipar e civilizar os indivíduos, conforme sua cultura social. Sendo caracterizada ao ensinar para o indivíduo algo distorcido, mentiras ou até mesmo, limitação do seu conhecimento (ocultando fatos), como ocorre no Ministério da Verdade. Por fim, haverá apenas o líder (o grande irmão) como "são" entre os loucos, que precisará fazer os outros acreditarem em sua ideologia. E como dito por Paulo Freire:

Até o momento em que os oprimidos não tomem consciência das razões de seu estado de opressão, "aceitam" fatalistamente a sua exploração. Mas ainda, provavelmente assumam posições passivas, alheadas, com relação à necessidade de sua própria luta pela conquista da liberdade e de sua

afirmação no mundo. Nisto reside sua "convivência" com o regime opressor (FREIRE, 2011, p. 71).

Em ambas as obras, as pessoas eram vistas como “coisas”, porque seus dominadores faziam delas o que desejavam. Caso alguém decidisse opor-se ao regime, algo muito ruim lhe aconteceria. Diante disso, Winston escreveu em seu diário sobre o modo como se sentia, para não demonstrar a sua rebeldia. Mas “pouco a pouco, porém, a tendência é assumir formas de ação rebelde. Num *quê fazer* libertador, não se pode perder de vista esta maneira de ser dos oprimidos, nem esquecer este momento de despertar” (FREIRE, 2011, p. 71). Então, ao florescer de sua paixão por Júlia, Winston não conseguiria mais ocultar seus sentimentos de repúdio ao governo. Já que não poderia viver sua paixão, tendo em vista que isto era proibido. Porém, nem mesmo a própria Júlia poderia apoiá-lo se quisesse manter-se viva. O protagonista encontrava-se sem força, sozinho e domado pelo governo. Assim, tornava-se difícil conseguir contornar essa situação, porque a liberdade é uma conquista mais ampla, já que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: Os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 2011, p.71). Esta frase foi escrita por Paulo Freire nos faz refletir sobre o poder da união e sobre o fato de que juntos somos mais fortes.

Talvez se todos os habitantes de Oceânia estivessem expressivamente contra o regime político, Winston não teria se rendido ao final da trama, dizendo amar o Grande Irmão. Aquele que agiu como Dr. Simão Bacamarte de “O Alienista”, obra de Machado de Assis (2018) qual os habitantes eram colocados na Casa Verde (local que abrigava os “loucos” da região). Ao final da história, apenas o doutor resta, e ele encontra-se confuso. Assim, podemos comparar Simão Bacamarte com o grande irmão, e Winston com os demais habitantes da Casa Verde.

Neste ponto, a educação poderia libertá-los (os habitantes de Oceânia, Panem, e da Casa Verde) os fazendo ter subjetividade, algo que perderam ao ser dominados pelo partido, e também alienados pelas suas ideias malucas. Ora, a educação é o meio pelo qual o indivíduo pode alcançar o que almeja, sendo assim emancipado e consciente. Pois, somos seres pensantes e capazes de discernir o caminho, e podemos/devemos ter consciência sobre isto. Além de tudo isso, a cabeça determinará o caminho dos pés. E talvez, este seja o motivo pelo qual a Rainha Vermelha – segundo narra a obra “Alice no país das Maravilhas”, de Lewis Carroll (2018) deseja cortar cabeças, pois além de um símbolo de liderança, é o que utilizamos para pensar e fazer outras milhares de coisas; não seria necessário fazer muito para ter sua cabeça

cortada no reino da Rainha Vermelha: bastava contrariá-la. Desta forma, a ideia de “poder” imposto pela Rainha, nos faz lembrar as obras abordadas no presente artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a ideologia e a alienação são problemas apresentados nas obras mencionadas. Sendo assim, a educação pode emancipar os personagens, libertando-os de um sistema opressor, qual não conseguem expressar suas ideias e ideais. Dessa forma, devemos utilizar a educação como luz, não aquela que nos cega, e sim, a que nos ilumina. Mesmo que muitos não tenham a oportunidade de sair da ignorância, - ou melhor, da caverna de Platão – sejamos luz.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. **O alienista**. São Paulo: FTD, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora brasiliense, 1981.
- CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2018.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Editora brasiliense, 1982.
- COLLINS, Suzanne. **Em chamas**. Rio de Janeiro: Rocco jovens leitores, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.